

O autismo e as formações do inconsciente Entrevista

Por *Therèza Christina Gontijo Bruzzi Curi*

Em seu encontro anual com a Dra. Marie-Christine Laznik, em Paris, a Dra. Therèza Christina Gontijo Bruzzi Curi pede-lhe que faça uma articulação do Seminário 5, As formações do inconsciente, de Jacques Lacan, estudado pelos membros do IEPsi durante o ano de 2000, com o autismo, tema de suas supervisões com a psicanalista.

Marie-Christine Laznik – Você me pediu para falar o que foi importante para mim na leitura do *Seminário 5, As formações do inconsciente*. Enquanto psicanalista interessada na constituição do sujeito humano (constituição esta que se dá na relação com o Outro), esse Seminário me parece primordial, no sentido de ser o primeiro a colocar as bases de um trabalho que Lacan vai continuar nos anos seguintes (pois estamos no final de 57), através da construção do Grafo do Desejo concluído no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, em 1960, e que será retomado em 64, no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em termos pulsionais na relação do *Ich* com esse Outro, ao qual ele vai alienar sua pulsão. Para falarmos do que parece central no *Seminário 5, As formações do inconsciente*, tomemos a construção do conceito de Outro na obra de Lacan, a partir da noção de terceira pessoa no texto de Freud, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*.

As razões que me levam a interessar-me por essa arqueologia do conceito não provêm de um trabalho de pesquisa acadêmica, mas provêm da minha clínica. No meu livro *Rumo à Palavra*,¹ eu conto como fiquei estupefata diante dos efeitos da minha surpresa e do meu prazer ao ouvir coisas aparentemente absurdas pronunciadas por uma criança autista.

Esses efeitos ocorriam se eu me deixasse siderar, descompletar, se eu me deixasse surpreender,² enquanto ocupando lugar do Outro naquele momento para a criança. E se eu também mostrasse prazer no que a criança, sem saber, me trazia com o chiste, isso produzia um efeito extraordinário de reorganização psíquica, como aconteceu no caso de Louise,³ uma das três crianças do livro. Ela parou de ter uma estereotopia com os olhos, desapareceu também seu estrabismo, e a saliva que escorria incontinente de sua boca parou de cair. Neste caso o circuito pulsional fez o seu trabalho de fechamento: ou seja, partir de uma zona erógena, circundar o objeto para retornar ao ponto de partida.

Marie Christine 6/3/04 20:25
Mis en forme

Diante de tal modificação do quadro, tentei pensar quais seriam os acontecimentos que teriam provocado tal efeito, tanto no plano teórico como no plano metapsicológico. Foi então que me dei conta de que tanto meu espanto por não entender por que ela trocava certas palavras, como a suspensão do meu julgamento sobre o sentido dessas palavras, me faziam tomar as palavras de Louise com um valor metafórico. Quando digo valor metafórico não é no sentido que utilizamos para os neuróticos, mas sim no sentido de uma construção que se produz *per se*, que tem valor poético. Eu mesma atribuía esse valor poético-metafórico às suas palavras – mas ele se encontrava como possibilidade no dito dela. E, a partir do sentido dado por mim, essas palavras deixavam de ser um neologismo, palavras truncadas e emergiam como um chiste. Descobri que essas questões já haviam sido trabalhadas tanto por Lacan como por Freud. Por Freud no seu texto *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, quando ele define o papel da terceira pessoa no chiste. Na verdade, o que autentica um chiste nada mais é que a corroboração da terceira pessoa, ou seja, para que o dito possa ter um valor poético e se transforme em chiste é preciso um terceiro – não necessariamente a quem se dirige o chiste –, um terceiro que dê esse valor, essa conotação de chiste.

O processo de dar conotação de chiste pelo terceiro é um processo em dois tempos, sendo que o primeiro supõe esse espanto, uma sideração. Há no chiste essa dimensão de espanto com relação a um “achado”¹. Mas essa dimensão de achado nunca é o sujeito que a encontra, nem o neurótico, e muito menos uma criança autista.

Gríphos – *Você fala da arqueologia do conceito de Outro em Lacan. Onde, no Seminário 5, podemos encontrar os primórdios da construção desse conceito, a partir da 3ª pessoa do chiste?*

Marie-Christine Laznik – A primeira vez que Lacan fala no assunto é na aula de 6/novembro/1957. Ele termina a aula dizendo que vai construir esse Outro através da noção de terceira pessoa, encontrada no livro já citado de Freud. Lacan destaca que é necessário que um Outro dê o valor de chiste, entretanto, o Outro pode considerar que é apenas um lapso, e o lapso torna-se então, simplesmente, um lapso. Lacan assinala ainda nessa aula que para que o chiste tenha valor, dois tempos são necessários: o primeiro é o tempo da surpresa, de se deixar surpreender, e o segundo, o que Freud chama de prazer, mas é um *imenso prazer*, não o do princípio do prazer. Com relação a esse segundo tempo Lacan diz *prazer*, mas, logo em seguida fala de *gozo*.

Marie Christine 6/3/04 20:25
Mis en forme

No Seminário do dia 11/dez/57 Lacan continua falando do papel indispensável desse Outro capaz de supor que há um saber que, ainda que lhe escape, tem valor, mesmo se esse valor não for entendido no momento.

É possível, no entanto, que o Outro funcione como alguém sem nada da falta, que tome simplesmente a palavra truncada como um lapso, ou também como ignorância daquele que a pronunciou, podendo inclusive desclassificar, absolutamente, o dito do outro.

Assim, se o autista inventa uma palavra que nunca se ouviu, que é truncada, misturada com uma outra, pode-se dizer: ah! ele não sabe falar.

Quando Lacan diz que o Outro deve “*se laisser dérouter*”, ele tem que se deixar balançar, ou seja, ele não fica tão firme. É isso a falta no Outro! E que Lacan vai marcar, mais tarde, com a barra, a barra no Outro. Então, podemos dizer que há duas possibilidades: ou o Outro se põe em posição de um saber absoluto e diz que aquilo é bobagem, desqualifica; ou bem espera para ver se pode entender mais tarde, mas se deixa balançar, se deixa desestabilizar. Ou seja, ele dá alguma coisa da falta. Aliás, a palavra usada por Freud é *siderar*, uma palavra bem forte. Não é, assim, só balançar um pouco, é balançar mesmo! Quando falávamos do prazer, vimos que Lacan introduziu a noção de gozo numa dessas aulas. Na aula de 11 de dezembro destaco uma coisa muito importante: ao falar desse Outro, Lacan enuncia que ele tem que ser capaz de dizer “eu não entendo, estou desnortado”. É uma postura de realmente suportar a falta.

Charles Melman elaborou, há muitos anos – eu usei isso no meu livro 5 –, a idéia de que para o sujeito suportar a falta em si, a barra que o divide, que o torna faltante, era preciso que ele primeiro encontrasse a falta no Outro.

Nessa mesma aula do dia 11/dez/57, Lacan diz que é preciso que esse Outro seja bem real, um ser vivo de carne. Mas é interessante que ele também diz: Eu construo meu conceito de Outro sobre essa terceira pessoa. Mas, cuidado, o Outro não é só o Outro do código. Esse Outro, ele tem que ser encarnado, tem que ter uma realidade em carne e osso (aqui já um pouco no *Seminário 11*). Essa criatura em carne e osso que ocupa o lugar de Outro, funciona de uma outra maneira e não se diz simplesmente que está no código ou não está. Aliás, esta é uma posição um pouco didática, do tipo: o que você está dizendo é bobagem, não existe. O que acontece com aqueles que se ocupam de autistas é muitas

vezes se perguntarem por que ele fica dizendo essa palavra, essa palavra não tem sentido. De fato, no chiste a palavra não tem sentido, ela vai adquirir uma outra dimensão, sob a condição de que alguém suporte se deixar descompletar, surpreender.

Agora, o segundo tempo, como já disse, é o tempo que Freud chama de prazer.

Gríphos – *Com relação a esse segundo tempo do processo de formação do chiste, você falava que tem a ver com um prazer, um imenso prazer.*

Marie-Christine Laznik – Lacan, na aula de 4 de dezembro, fala desse prazer que é efetuado pelo chiste, e isso vai ser muito importante. O chiste só tem valor de chiste porque ele é fonte de prazer. Mas temos que entender muito bem o que nós queremos dizer com a palavra prazer. Freud usou prazer em dois sentidos. O primeiro no sentido de “não-desprazer”, alguma coisa que tem mais a ver com o Nirvana: “não me esquentem muito a cabeça”. Não é desse prazer que falo. É de um prazer, Grande Prazer! É algo que vem desorganizar. É o que Lacan vai chamar gozo; ele ainda não elaborou o conceito de gozo, mas numa das aulas (18/12/57) vai trocar a palavra prazer pela palavra gozo. O interessante aqui é que ele fala de um prazer que vai para-além do sistema princípio de prazer; ele efrata esse sistema, que pede para ficar numa economia baixa. A economia do gozo é uma economia violenta, de uma grande quantidade de excitação.

Freud já percebia isso porque, na segunda parte do seu livro sobre os chistes, ele fala do prazer suscitado pelas palavras engraçadas das crianças. Isso não é dizer, ou simplesmente falar com elas: ai que gracinha! Ao contrário, tem que ter como efeito uma risada muito grande, porque a criança diz uma verdade que nem ela mesma sabia da verdade contida no seu dito, o que surpreende o adulto e produz uma risada. Aqui podemos lembrar do caso que Freud conta sobre uma peça representada por duas crianças⁶. No primeiro ato as crianças representam um casal de pescadores que se lamenta de seus poucos ganhos, diante do que o marido decide procurar fortuna pelos mares. No segundo ato o marido retorna rico e narra como a boa fortuna o abençoara... A esposa o interrompe dizendo que também não ficou ociosa: abre a porta e mostra uma fileira de bebês. Neste ponto os atores são interrompidos por uma gargalhada da platéia, provocada pela suposição de que as crianças, ignorando as condições que governam a origem dos bebês, são capazes de acreditar que a esposa pudesse jubilar-se de ter filhos mesmo na ausência prolongada do marido. A ingenuidade das crianças é que provoca a gargalhada, nesse caso.

Há a surpresa, os risos e o espanto frente à teoria inventada pelas crianças. Aqui estamos no registro da neurose, de crianças já constituídas, de crianças que falam e podem inventar tudo isso.

Mas essa idéia de que se trata de algo muito primitivo, uma atividade lúdica infantil, Lacan vai insistir nela ainda mais que Freud.

Lacan vai ter quase que uma intuição, ligada ao rigor do seu pensamento, porque ele não tinha a clínica de bebês, de que esse prazer é alguma coisa do prazer primitivo, produzido pelo sujeito mítico, arcaico, infantil, primordial – está nessa mesma lição. Hoje já podemos ver como as ciências nos dão provas irrefutáveis, provas de computador, do que Lacan está dizendo aqui.

Gríphos – *Mas voltemos agora ao Seminário 5, As formações do inconsciente, quando você dizia que ele é primordial.*

Marie-Christine Laznik – Nós veremos que é a primeira tentativa de construir o Grafo do Desejo. Os lugares, as posições dos elementos vão mudar muito. Mas podemos dizer que, paralelamente à construção desse Grafo, Lacan se preocupa com a existência de um Outro real, que vai se chamar A (grande Outro), lugar do código.

Oussama**

Lacan está falando de um Outro encarnado — fala de carne, encarnado — que é um lugar ocupado por alguém que encarna e de um alguém que pode se deixar descompletar, marcado pela falta. Nós sabemos que mais tarde, no texto Subversão do sujeito e dialética do desejo inconsciente freudiano, esse Outro vai aparecer como o A/** (grande Outro barrado), mas vai demorar ainda para que ele possa construir esta elaboração.

A questão do gozo, como dizia, vai aparecer no Seminário do dia 18/dez/57. Lacan vai dizer que o chiste não só produz prazer, entrando assim na noção de gozo. Vai falar dessa surpresa do prazer, e do prazer da surpresa.

Portanto, o Grafo que conhecemos em sua forma definitiva — *Écrits*, p.817 (*Escritos*, p. 831) — é iniciado no Seminário *As formações do inconsciente* e o Outro é constituído a partir da terceira pessoa, *dritten Person*, através desse duplo movimento da surpresa e do espanto. Logo, um Outro marcado pela falta. Além disso, a noção de que aquele que produz o chiste

de certa maneira oferece não só prazer, mas um prazer-forte: o gozo ao Outro. Isso nos interessa porque no grafo que conhecemos em sua forma definitiva, no andar superior, o andar da demanda do Outro, aparece $S(A)$, ao que Lacan chama gozo. Gozo de quem? Só pode ser do Outro.

Nós poderemos então dizer que quando uma criança autista consegue produzir um chiste, e encontra um analista capaz de suportar o lugar de Outro faltante, que reconhece a dimensão de gozo ofertada no chiste, que só é chiste depois de ter encontrado esse Outro faltante, que goza, isso tem efeitos estruturantes. Eu diria que essa criança pode ocupar um lugar muito diferente. Como se só-depois ela pudesse se reconhecer como fonte do chiste: fui eu que consegui fisgar o gozo do Outro faltante (não que ela egoicamente tenha querido isso, mas funcionou assim dessa forma primitiva!!!). É claro que uma criança autista não diz isso, mas ela sente um grande conforto em ter conseguido ser a causa desse gozo do Outro.

No caso de Louise funcionou assim. Por que a borda da boca dela deixou de ser um buraco e passou a ser uma zona erógena? Isso me faz pensar que o circuito da pulsão se fechou em torno de sua boca.

Mas se falo em circuito da pulsão, entramos no que Lacan vai elaborar em 64. Vimos os elementos primordiais colocados no *Seminário 5, As formações do inconsciente*, vimos ainda que o Grafo do Desejo acha sua forma definitiva no texto de 1960, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, e que só quatro anos depois Lacan retoma a questão do gozo ao pensar os três tempos do circuito pulsional.

A pulsão para ele, agora em 64, não é mais o que ele chama de “pulsão a satisfazer”, conceito que vocês devem ter visto várias vezes em *As formações do inconsciente*, porque ele desvinculou a satisfação da necessidade e da pulsão – o que foi um grande trabalho para ele, nos seminários intermediários.

Portanto, em 64, a pulsão não vai ter mais a ver com a questão da sobrevivência do organismo, não tem mais nada a ver com a questão da necessidade biológica. A satisfação da pulsão vai supor uma circulação num circuito em várias posições. Lacan vai dizer — ele retoma sempre o texto de Freud, aqui o texto de 1915, *As Pulsões e suas vicissitudes* — que no primeiro tempo a pulsão é ativa, ela vai até o objeto; no segundo tempo a pulsão é reflexiva, ela toma como objeto uma parte do próprio corpo; no terceiro tempo, o que ele nota que é uma coisa interessante em Freud, aparece um terceiro. Aparece na verdade um

novo sujeito (o terceiro para pensar, a *dritten Person*) que não é o eu, *Ich*, e que tem de fato valor de Outro e pequeno outro. Isto quer dizer que o valor de outro é uma maneira de se inscrever a encarnação do Outro. Porque se o Outro tem que ser encarnado, algum pequeno outro tem que vir ocupar esse lugar.

Nesse momento, esse novo sujeito passa a ser o sujeito propriamente dito da pulsão; tratando-se de bebê, da pulsão do bebê. Na história do bebê, é esse Outro real encarnado que passa a ser aquele que deve ser o sujeito da pulsão. Na clínica podemos dizer que: o primeiro tempo seria para o bebê o de chupar o seio da mãe, a mamadeira — um tempo ativo; o segundo tempo seria o de se chupar, chupar o dedo, chupar a chupeta — um tempo reflexivo, que muitas vezes foi chamado de auto-erótico. O terceiro tempo é um tempo pouco estudado; é o que Freud chamava passivo e que Lacan chama de uma passividade muito ativa, é o tempo do *se fazer*.

Lacan diz que este seria o tempo de se fazer chupar, mas claro que ele não dá nenhum exemplo clínico. Na clínica dos bebês isso é muito evidente, o “se fazer chupar” é um jogo que os bebês gostam muito: de dar o pezinho, ou dar a mãozinha, ou empurrar a barriguinha para cima para ser chupado pela mãe, ou para a mãe dar um beijo, morder o bebê, como a gente diz. Mas é muito importante destacar que o que interessa ao bebê é saber se ele fígou ou não o gozo do Outro. Em 64, Lacan diz isso claramente, por isso faço a articulação com o *Seminário As formações do inconsciente*. Ele diz que a meta do *Ich*, a meta desse eu primitivo, é fígar no Outro seu gozo.

Gríphos – *Você comentou que as novas descobertas dos lingüistas nos interessariam nesse ponto.*

Marie-Christine Laznik – Sim. O mais espantoso sobre isso são as descobertas dos psicolingüistas. A psicolingüística é uma ciência que vai aparecer no final dos anos 70, ou seja, Lacan morreu sem conhecê-la. Os psicolingüistas nada têm a ver com a psicanálise, eles não conhecem a psicanálise, acham que é uma coisa do século XIX, não a conhecem tal como nós a praticamos. Eles só conhecem a psicanálise anglo-saxônica.

Eles trabalham com as competências lingüísticas do recém-nascido, e descobrem coisas apaixonantes. Uma delas diz respeito ao lugar do Outro como terceira pessoa, tal qual Lacan construiu no *Seminário 5, As formações do inconsciente*. Asseguro a você que essa gente nunca leu Lacan, não o conhece, e provavelmente nunca leu Freud em *Os chistes e sua relação com o Inconsciente*. Érika Parlato⁸ é uma das primeiras psicolingüistas, que se interessa

pela voz. Aliás, é realmente interessante, porque Lacan foi o primeiro psicanalista a introduzir na série dos objetos pulsionais, a voz. Os psicolinguistas não se interessam pelo timbre da voz, mas sim pelas características específicas prosódicas que aparecem ou não em dados momentos na nossa voz.

Gríphos – *O que são características prosódicas da voz?*

Marie-Christine Laznik – Eu diria que a prosódia é provavelmente a tradução acústica do que nós chamaríamos a enunciação. A prosódia não tem nada a ver com o texto a ser dito, ou seja, não tem valor de enunciado, mas ela é portadora dos elementos mais inconscientes da situação. Esses cientistas se preocupavam em saber o que o bebê, recém-nascido, curti na voz da mãe. Eles trabalharam com bebês entre um e três dias, bebês normais, e com mães normais, e gravaram a voz da mãe falando com o bebezinho dela. A fala da mãe com seu bebê tem uma série de características sintáticas, prosódicas, e significação de enunciado, de cortes, e o conjunto dessas características toma o nome, em inglês, de *motherese*, que em português foi traduzido por “*mamanbês*”, o que não tem nada a ver com o falar infantil. Não vou descrever aqui as características do *mamanbês*, pois seria muito longo, mas eles se interessam, neste artigo da Érika Parlato, pelas características prosódicas da voz da mãe. A partir disso eles fazem três formas de gravação. Na primeira gravam a voz da mãe falando com o nenezinho; na segunda gravam a voz da mãe, com o bebê ausente, mas falando com ele, como se ele estivesse lá. E na terceira forma de gravação é a mãe falando com um outro adulto qualquer. Eles põem no computador essas três vozes e obtêm gráficos que indicam os picos prosódicos da voz. A voz é a mesma, e dentro dessa voz há uma característica que não tem valor de enunciado; eles não falam de enunciação, mas de prosódia.

O que se descobre a partir disso? Descobre-se que quando uma mãe fala com um adulto, a prosódia apresenta poucos picos, ela é muito baixa. Quando a mãe fala com o nenê, mas o nenê não está de corpo presente, a prosódia muda, mas não é muito elevada. Quando a mãe fala com o nenê, estando este presente, há picos prosódicos extraordinários. Mas é preciso saber que isso não tem a ver com a altura da voz. Esse estudo foi feito em centenas de países, sempre obtendo o mesmo resultado, estatisticamente falando: os bebês curtem muito quando é a voz da mãe falando na frente deles. A mãe não está presente no momento em que se faz essa experiência. Os cientistas passam a gravação para o nenê, põem na boca dele uma chupeta e gravam a intensidade de sucção. Quando o bebê gosta,

ou seja, quando aquilo é um objeto pulsional, então a sucção é maior. Quando ele gosta só um pouco a sucção é média, e quando não gosta, quando não se interessa, ele começa a chupar e adormece, ou pára de chupar.

Estamos estudando aqui o objeto voz, e sua característica específica que é a prosódia, que serve para fazer girar o circuito da pulsão oral em um objeto, que é um objeto da satisfação da criança.

Mas por que essa prosódia da voz da mãe falando com o nenê, estando ele presente, é tão mais curtida por ele?

Os alemães se perguntaram a mesma coisa e quiseram saber como é que se conseguem essas características prosódicas. Eles utilizaram centenas de exemplos de vozes gravadas entre adultos para ver se ao passar no computador achavam os mesmos picos. Era raríssimo esse tipo de prosódia entre adultos. Só foram encontrá-la em casos extremamente raros, em que havia uma dupla situação de espanto e extremo prazer.

É claro que eles nunca leram sobre a *dritten Person* de Freud. Todo este nosso conhecimento sobre *As formações do inconsciente* me deixou, quando encontrei nesses estudos, espanto, estupor e um grande prazer, com estupor e um grande prazer, pois reconheço que estas são as características da terceira pessoa, ou do Outro faltante, no qual o sujeito vai buscar fisgar o seu prazer. Ou seja, aquilo que o chiste procura.

Hoje posso afirmar, quase cientificamente, que para um bebê normal e uma mãe normal, a presença do bebê é para ela uma fonte de espanto e também de um grande prazer. E que o bebê encontra um traço desse espanto e desse prazer na prosódia da voz materna. É isso que serve para ele de primeiro objeto pulsional. Isso pode acontecer com o bebê recém-nascido, que nem sequer viveu ainda grandes experiências de satisfação da necessidade, porque é assim que funciona no primeiro dia, no segundo dia, quando o leite não desceu ainda; enquanto o bebê está tomando o colostro funciona perfeitamente. O bebê tem um interesse maior em saber se a presença dele vai fisgar o gozo desse Outro, marcado pela falta.

Há muito tempo nós já vínhamos trabalhando nisso. Jean Bergès⁹, por um lado, dizendo, sem fazer esse caminho, que provavelmente o problema do bebê autista é que faltava a falta da mãe. E, por outro lado, eu já vinha trabalhando a questão da leitura dos

esquemas ópticos, mostrando que Lacan, no *Seminário 10, A Angústia*, constrói o último esquema óptico, que nós conhecemos. Ele propõe que o que vai produzir efeito de investimento libidinal é uma falta. A meu ver, isso tinha que ser lido na interação, ou seja, a falta estando no Outro primordial. Vimos que o nenê tem como detectar a presença dessa falta, mas não falta sem prazer, sem gozo. Este é provavelmente um dos elementos do *baby blues*.

Gríphos – *Baby blues?*

Marie-Christine Laznik – Não se fala de *baby blues* no Brasil? A gente fala de uma depressão pós-parto não patológica, que é chamada aqui na Europa de um *blues*, que seria um *blues* ligado ao bebê. É um momento em que a mãe desequilibra, ela está desarvorada, ou seja, ela está numa posição de faltante. Agora, ela estar numa posição de faltante não basta ao bebê, ele precisa dessa posição de faltante e além disso precisa de que a presença dele suscite o gozo da mãe, o prazer dela.

Gríphos – *Aqui em Paris, tive oportunidade de assistir ao seu Seminário no qual você apresenta um filme de um bebê que se tornou autista. Qual é o interesse desses filmes?*

Marie-Christine Laznik – O que nós nos perguntamos é se nos filmes familiares de bebês que se tornaram mais tarde autistas, filmes nos quais as mães são normais e adequadas, aparentemente pelo menos, e os bebês são saudáveis, mas que, no entanto, vão desenvolver depois a síndrome do autismo, se haveria ou não na voz materna esses picos prosódicos. Estamos fazendo este trabalho com uma colega de São Paulo que se chama Érika Parlato, que está fazendo a tese de doutorado sanduíche — Brasil/ França, e com um laboratório que trabalha com psicolinguística do Neller¹⁰. Eles estão trabalhando também com prosódia de voz materna.

Érika Parlato passou a voz dessa mãe do filme num computador, em paralelo com a voz de uma outra mãe de um bebê banal, e pudemos ver nos gráficos que a voz da mãe do bebê normal tem todos os picos prosódicos próprios do *mamanês*, e a voz da mãe do bebê que vai se tornar autista não tem. No entanto, existe uma cena desse bebê que vai se tornar autista, em que ele dialoga com os pais, e Érika Parlato descobriu que a voz do pai, que está no fundo, apresenta os picos prosódicos do *mamanês*, como numa mãe banal.

Cuidado! Não estou fazendo etiologia do autismo, eu não sei se a ausência da prosódia é causa ou consequência do autismo no bebê. Quem se meter a querer saber, arrisca-se a se enganar. Nós teríamos que ter isso nos primeiros dias da maternidade para podermos ter provas, e infelizmente o filme é um trabalho da data de hoje — o que é uma coisa muito nova no mundo — quando o bebê já tem dois meses de idade.

Quando um bebê não responde sua a mãe, nós podemos pensar que ele a põe na mesma situação da mãe normal falando ao seu bebê, em sua ausência. Pois a experiência dos psicolinguistas mostrou que a mesma mãe que é capaz de ter esses picos prosódicos quando o bebê está ali presente, não os produz falando para o bebê da cabeça dela quando o bebê está ausente. Então, um bebê que se ausenta talvez ponha a mãe nessa mesma situação.

Enfim, abre-se aqui um campo imenso de pesquisa a partir dessa elaboração das aulas de novembro e dezembro do *Seminário V, As formações do inconsciente*.

Notas

1 Laznik-Penot, Marie Christine. *Rumo à Palavra: três crianças autistas em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1997.

2 Marie-Christine se refere aqui à palavra “*étonnement*”, utilizada por Lacan no *Seminário V, As formações do inconsciente* e de difícil tradução para o português. Lia Ribeiro Fernandes, no seu livro *O olhar do Engano*, traduz este termo para uma expressão, segundo ela, um tanto insípida, porém mais exata do que surpreendimento, ou simplesmente ato de surpreender, que é a *capacidade de surpreender-se*.

3 O caso de Louise está descrito no livro já citado: *Rumo à Palavra*.

4 A palavra achado é colocada entre aspas para destacar essa dimensão de surpresa diante de algo que é encontrado.

5 Marie-Christine refere-se mais uma vez ao seu livro *Rumo à Palavra*.

6 Este exemplo está em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. E.S.B., vol. VIII, R.J.: Imago, 1977, p. 209.

7 Ver *Rumo à Palavra*, p. 13

8 Completar...

9 O texto de Bergès é citado por Marie-Christine no seu livro *Rumo à Palavra*. Bergès, J. Somatologia, in *Le corps, Le Trimestre Psychanalytique*, n. 2, 1991, Ed. de l'Association Freudienne.

10 **Sobre a entrevistadora**